

O OLHAR DISCENTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA INCLUSIVA NA APAE: relato de experiência.

THE STUDENT PERSPECTIVE ON INCLUSIVE PHYSICAL EDUCATION AT APAE: an experience report.

LA PERSPECTIVA ESTUDIANTIL SOBRE LA EDUCACIÓN FÍSICA INCLUSIVA EN LA APAE: un informe de experiencias

Amanda Vitória Souza do Rosário [1]
Edilana de Araujo Nascimento [2]
Suelen Merlo [3]

PALAVRAS-CHAVE: APAE. Educação Física Inclusiva. Inclusão Social. Relato de Experiência.

Educação e Sociedade.

INTRODUÇÃO

O Projeto de Extensão Integrado Neurociência, Movimento e Aprendizagem é um componente curricular do 5°semestre dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física (EF). A proposta fundamenta-se nos princípios da curricularização da extensão universitária, buscando integrar ensino, pesquisa e extensão. O projeto é realizado em parceria com a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Castanhal. Instituição que atua na promoção da educação, da saúde e da inclusão social de pessoas com deficiência intelectual e múltipla.

Nesse cenário, a EF assume um papel relevante ao possibilitar experiências corporais que favorecem o desenvolvimento sensório-motor, cognitivo e socio-emocional, respeitando as limitações e favorecendo as potencialidades de cada indivíduo. O presente relato de experiência tem como objetivo analisar e socializar as vivências e os aprendizados de discentes do curso de EF durante as intervenções práticas realizadas na instituição, destacando os desafios e as potencialidades da Educação Física Inclusiva (EFI) no desenvolvimento integral dos usuários atendidos.

[1] Estudante do Curso de Bacharelado e Licenciatura em Educação Física do Campus Universitário de Castanhal da Universidade Federal do Pará, mandy.vitoria07@gmail.com
[2] Estudante do Curso de Bacharelado e Licenciatura em Educação Física do Campus Universitário de Castanhal da Universidade Federal do Pará, edilanaaraujo560@gmail.com
[3] Professora da Faculdade de Educação Física do Campus Universitário de Castanhal da Universidade Federal do Pará, suelenm@gmail.com

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A EFI constitui-se como um processo educacional que busca reorganizar práticas pedagógicas, currículos e contextos escolares para assegurar que todos os estudantes independentemente de suas habilidades, limitações ou características individuais participem ativamente das experiências corporais e esportivas. A EFI caracteriza-se como uma abordagem ampla que busca garantir a participação de todos os alunos nas aulas, promovendo equidade e respeito à diversidade (Rodrigues, 2008).

Já a Educação Física Adaptada (EFA) refere-se a um campo específico voltado à adaptação de conteúdos, métodos e recursos para atender principalmente alunos com deficiência ou necessidades específicas (Sherrill, 1998). Dessa forma, compreende-se que a EFA está contida na EFI, pois suas estratégias adaptativas constituem instrumentos para viabilizar a inclusão no contexto da EF.

A EFA é uma área voltada à inclusão de pessoas com deficiência ou limitações funcionais em atividades corporais, esportivas e recreativas, respeitando suas necessidades específicas. Segundo Gorgatti e Costa (2013), a EFA busca proporcionar oportunidades para que todos os indivíduos participem de atividades físicas de forma segura, prazerosa e eficaz, promovendo o desenvolvimento global e a autonomia. De acordo com Winnick (2010) a EFA deve considerar as diferenças individuais e proporcionar condições adequadas para o desenvolvimento das capacidades motoras, cognitivas e sociais, contribuindo para a qualidade de vida do indivíduo. Além disso, limitações físicas ou sensoriais, sejam temporárias ou permanentes, não determinam incapacidade, sendo fundamental valorizar o sujeito em suas potencialidades e não apenas em suas limitações (Silva: Drigo, 2012)

A Associação de Pais e Amigos do Excepcionais (APAE), criada em 1954, atende pessoas com deficiência intelectual e múltipla, abrangendo a faixa etária de crianças, adolescentes e adultos. A APAE da cidade de Castanhal foi fundada em 28 de janeiro de 1981, completando 45 anos em 2026. Promove o desenvolvimento e a autonomia dos seus usuários, de modo a consolidar a inclusão social e o acolhimento integral às famílias.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa fundamenta-se na abordagem qualitativa, entendida como aquela que busca compreender as experiências humanas e os significados construídos pelos sujeitos em seus contextos sociais e educacionais. Conforme Silva et al. (2022), a pesquisa qualitativa caracteriza-se pela flexibilidade e pelo rigor metodológico, permitindo ao pesquisador interagir com o ambiente e interpretar os fenômenos observados. Enquanto componente curricular, o Projeto Neurociência, Movimento e Aprendizagem proporciona aos acadêmicos a vivência prática em contextos reais de atuação profissional inclusiva, contribuindo para a construção de uma formação crítica e sensível às demandas da diversidade humana. As atividades são planejadas a partir dos princípios da Educação Inclusiva, priorizando adaptações pedagógicas, metodológicas e de materiais, de modo a garantir a participação efetiva de todos os envolvidos, independentemente de suas limitações.

Dessa maneira, os discentes de EF(período 2025.2) foram divididos em três grupos para a realização das atividades com os usuários da APAE, os quais também foram organizados por idade: crianças, adolescentes e adultos (aproximadamente 30 usuários). Durante cada semana um grupo de discentes ficou responsável por uma faixa etária, ocorrendo o revezamento semanal. O perfil dos usuários atendidos é diverso, com adultos com alterações na comunicação oral, adolescentes com necessidade de suporte e dificuldades de socialização e/ou com forte aptidão competitiva. e crianças com comportamento hiperativo.

Durante os encontros os discentes desenvolveram atividades voltadas à estimulação sensorial, motora e cognitiva dos usuários. Descrevemos aqui as atividades realizadas conforme nosso grupo de trabalho discente. No 1º encontro houve o acolhimento dos estudantes e a realização de atividades com crianças de 6 a 10 anos com deficiência intelectual ou múltipla, utilizando balões para estimular a coordenação motora e o equilíbrio, bem como circuitos adaptados, respeitando as limitações e necessidades de cada participante. No 2º, também com crianças, foram propostas atividades de estímulo multissensorial, explorando percepções táteis, visuais e auditivas por meio de caixa sensorial, dinâmica de telefone sem fio e jogos com cores. No 3º, com adolescentes, foram desenvolvidos circuitos motores associados a desafios cognitivos, atividades de repetição para estímulo da memória e dinâmicas com música para incentivar o movimento corporal. Por fim, no 4º, com adultos, foram realizadas atividades envolvendo música, dança, imitação de gestos e jogos visuais, com o objetivo de estimular o ritmo, a atenção, a linguagem e a interação entre os participantes, finalizando com um momento de confraternização entre discentes e usuários.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a realização das atividades na APAE, foi possível observar diferentes desafios relacionados à participação dos usuários, às condições estruturais do espaço e à disponibilidade de materiais para o desenvolvimento das práticas corporais. O espaço físico reduzido e a ausência de determinados materiais exigiram criatividade e improvisação dos discentes para elaboração das atividades. Muitas atividades precisaram ser reformuladas para se adequar ao espaço disponível, priorizando circuitos simples, jogos motores adaptados e atividades que utilizassem materiais alternativos.

As intervenções realizadas contribuíram diretamente para a promoção da inclusão, ao possibilitar a participação ativa de todos os alunos, respeitando suas individualidades e limitações. A adaptação das atividades mostrou-se essencial para garantir equidade no processo de ensino-aprendizagem. Além disso, a vivência proporcionou aos discentes o desenvolvimento de competências técnico-humanísticas, como empatia, sensibilidade e capacidade de adaptação às diferentes realidades, aspectos fundamentais para a atuação profissional na perspectiva inclusiva (Sassaki, 2009; BRASIL, 2008).

Foi observado também que o grupo que apresentou maior dificuldade de participação foi o das crianças com transtornos do neurodesenvolvimento caracterizados por atitudes hiperativas e/ou com dificuldade em seguir comandos e regras. Nesse grupo, foi necessário realizar intervenções ainda

mais individualizadas, utilizando estratégias como atividades lúdicas, estímulos visuais e repetição de movimentos. A necessidade de adaptação das atividades no contexto da EFI está diretamente relacionada ao princípio de que todos os indivíduos devem ter acesso às práticas corporais, respeitando suas particularidades e necessidades (Cidade e freitas, 2002). Segundo Mantoan (2003), a inclusão implica reorganizar práticas pedagógicas de forma que todos os alunos possam participar do processo educativo, independentemente de suas limitações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a vivência prática na APAE demonstrou que as estratégias da EFA não se isolam, mas sim sustentam e materializam os princípios da EFI. A experiência evidenciou que a atuação dos discentes na Educação Física exige sensibilidade, criatividade e o manejo de estratégias adaptativas contínuas. A prática curricularizada permitiu aos acadêmicos compreenderem a importância da flexibilização e da adaptação pedagógica como base fundamentais de uma EF inclusiva.

REFERÊNCIAS

ALZAHRANI, N. The development of inclusive education practice: A review of literature. **International Journal of Early Childhood Special Education**, v. 12, n. 1, p. 68-83, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC, 2008.

CIDADE, R. E.; FREITAS, P. S. **Educação Física e Inclusão: considerações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

GORGATTI, M. G.; COSTA, R. F. **Atividade física adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais**. São Paulo: Manole, 2013.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

RODRIGUES, D. A. A Educação Física perante a Educação Inclusiva: reflexões conceptuais e metodológicas. **Journal of Physical Education**, Maringá, v. 19, n. 3, p. 293-299, 2008.

SASSAKI, R. K. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. **Revista Nacional de Reabilitação**, São Paulo, ano 12, p. 10-16, mar./abr. 2009.

SHERRILL, C. **Adapted Physical Activity, Recreation and Sport:** Crossdisciplinary and Lifespan. 5. ed. Dubuque: McGraw-Hill, 1998.

SILVA, A. M.; DRIGO, A. J. **Educação Física Adaptada: implicações pedagógicas**. São Paulo: [s.n.], 2012.

WINNICK, J. P. **Educação física e esportes adaptados**. 1 ed. Barueri: Manole, 2010.